

MODOS

n.01 | v.02 | 2018



MODOS. REVISTA DE HISTÓRIA DA ARTE

Grupo de Pesquisa MODOS - História da Arte: modos de ver, exibir e compreender

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Estadual de Campinas

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade de Brasília

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia

Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

University of Campinas

Dr. Marcelo Knobel
Reitor

Dra. Grácia Navarro Costa
Diretora do Instituto de Artes

Dra. Maria de Fátima Morethy Couto
Coord. do Prog. de Pós-graduação em Artes Visuais

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Federal University of Rio de Janeiro

Dr. Roberto Leher
Reitor

Dr. Carlos Gonçalves Terra
Diretor da Escola de Belas Artes

Dr. Felipe Scovino
Coord. do Prog. de Pós-graduação em Artes Visuais

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

University of Brasília

Dra. Márcia Abrahão Moura
Reitora

Dr. Ricardo José Dourado Freire
Diretor do Instituto de Artes

Dr. Belidson Dias
Coord. do Programa de Pós-graduação em Arte

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Federal University of Rio Grande do Sul

Dr. Rui Vicente Oppermann
Reitor

Dra. Lucia Becker Carpena
Diretora do Instituto de Artes

Dr. Paulo Antônio de Menezes Pereira da Silveira
Coord. do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Federal University of Bahia

Dr. João Carlos Salles Pires da Silva
Reitor

Dra. Nanci Santos Novais
Diretora da Escola de Belas Artes

Dr. Ricardo Barreto Biriba
Coord. do Prog. de Pós-graduação em Artes Visuais

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

State University of Rio de Janeiro

Dr. Ruy Garcia Marques
Reitor

Dr. Alexandre Sá Barretto da Paixão
Diretor do Instituto de Artes

Dr. Mauricio Barros de Castro
Coord. do Prog. de Pós-graduação em Artes

**EQUIPE EDITORIAL/ GRUPO DE PESQUISA
MODOS - História da Arte: modos de ver, exibir e
compreender**

Dra. Ana Maria Albani de Carvalho

Federal University of Rio Grande do Sul

Dra. Ana Maria Tavares Cavalcanti

Federal University of Rio de Janeiro

Dr. Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

University of Brasília

Dr. Luiz Alberto Freire

Federal University of Bahia

Dr. Luiz Cláudio da Costa

State University of Rio de Janeiro

Dra. Maria de Fátima Morethy Couto

University of Campinas

Dra. Marize Malta

Federal University of Rio de Janeiro

Dr. Márcio Seligmann-Silva

University of Campinas

Dr. Paulo Knauss

Fluminense Federal University

Dra. Raquel Henriques da Silva

New University of Lisbon

Dra. Sonia Gomes Pereira

Federal University of Rio de Janeiro

Dra. Sonia Salzstein

University of São Paulo

Dr. Stéphane Huchet

Federal University of Minas Gerais

EDITOR-CHEFE

Dra. Maria de Fátima Morethy Couto

University of Campinas

EDITOR-ASSISTENTE

Dr. Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

University of Brasília

CONSELHO CIENTÍFICO

Dra. Anne Benichou

Université du Québec à Montréal

Dr. Bernard Guelton

Université Paris 1

Dra. Catherine Dossin

Purdue University

Dr. Jean-Marc Poinot

Université Rennes 2

Dr. Jesus Pedro Lorente

Universidad de Zaragoza

Dr. José Emilio Burucúa

Universidad de Buenos Aires

Dr. Jorge Coli

University of Campinas

PROJETO GRÁFICO/ EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Dra. Marize Malta

Federal University of Rio de Janeiro

Ivan Avelar

University of Campinas

CAPA

Ms. Pedro Ernesto Freitas Lima

University of Brasília

OBRA (CAPA)

Selects, site-specific de Thom Browne para Cooper-Hewitt, Nova York. Fotografia de Marize Malta, abril de 2016.

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MODOS. Revista de História da Arte: publicação eletrônica do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Estadual de Campinas. – v.2, n.1 (2018) – Campinas: PPGAV- Unicamp, jan. 2018.

Quadrimestral

Resumo em português e inglês.

Disponível no SEER: <http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/index>

ISSN: 2526-2963

1. História da Arte. 2. Artes Visuais. 3. Teoria da Arte. 4. Crítica de Arte 5. Museologia

CDU: 7(091)

MODOS. REVISTA DE HISTÓRIA DA ARTE

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

Instituto de Artes – Universidade Estadual de Campinas

Rua Elis Regina, 50. Cidade Universitária "Zeferino Vaz". Barão Geraldo, Campinas-SP – CEP 13083-854

e-mail: revista_modos@cmail.com

Contribuições devem ser submetidas pelo site: <http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/index>

EDITORIAL

ARTIGOS

Mobilizing craft: diplomacy in the international turn of American art history

Jennifer Way

Um futurismo singular: Menotti Del Picchia

Annateresa Fabris

Diante do espelho: textos de Michel Foucault sobre arte representacional frente a produções artísticas dos anos 60

Alexander Gaiotto Miyoshi

Almoços partilhados, amores não correspondidos e conversas inacabadas. Quotidiano e arte contemporânea.

Margarida Brito Alves; Bruno Sousa Marques

O riso de artistas feministas nas décadas de 1970/1980

Juliana Silveira Mafra

Tempo andante da intervenção urbana: relações temporais nas obras “Imagens Posteriores”, “Giganto” e “Polaroides (in)visíveis”

Ana Rita Vidica

Mover-se em direção a um (possível) estado da arte das exposições contemporâneas *lá e cá*

Michelle Farias Sommer

MONTAGEM: A CONDIÇÃO EXPOSITIVA

Estratégias de apresentação de uma ação artística em espaço público

Beatriz Basile da Silva Rausche

Hiperorgânicos. Do cubo branco ao tesseracto

Carlos Augusto Moreira da Nóbrega

Montagem como processo: espaços, poética artística e a curadoria

Denise Conceição Ferraz de Camargo

A busca dá imagem, instaurações poéticas em lugares distintos

Eriel de Araújo Santos

Formas da apresentação: exposições, montagens e lugares impossíveis

Hélio Ferverza

Sinapses: a montagem como pensamento e processo criativo

Hugo Fortes

Perigosos, subversivos, sediciosos

Leila Danziger

“O que nunca foi mostrado: experimentos arquivados”

Luise Weiss

A montagem de ontem ou relembrando disposições

Patricia Franca-Huchet

Do extraordinário na vida cotidiana

Simone Michelin

(EX)POSIÇÕES

Novas aquisições: a coleção Roger Wright na exposição “Vanguarda Brasileira dos anos 1960”

Rachel Vallego

EDITORIAL

A revista MODOS chega a seu segundo ano e em seu quarto número. Agradecemos a todos os que contribuíram para a criação da publicação, sempre fruto de um trabalho coletivo. Além da equipe editorial e do conselho científico, dos pareceristas e dos revisores, somos gratos, em especial, aos autores que escolheram MODOS para divulgar suas pesquisas, dotando-a de qualidade e tornando-a mais uma referência importante para divulgação dos estudos da história da arte, disciplina que vem se fortalecendo pela atuação e expansão dos programas de pós-graduação em artes do país e renovando seus pressupostos e abordagens, na medida em que alarga suas fronteiras para enfrentar a arte e dizê-la em toda a sua potência diacrônica e sensível. Em 2017, publicamos 39 artigos e resenhas dedicados à produção, à crítica, ao colecionamento e à circulação das artes visuais. Contamos com a colaboração de pesquisadores oriundos de 14 instituições estrangeiras, de 8 países diferentes, além de pesquisadores vinculados a 16 instituições brasileiras. Para o ano de 2018, os editores permanecem empenhados na publicação de artigos que atendam aos MODOS da revista, com três dossiês distintos: “Montagem: a condição expositiva”, que compõe esta edição e se transformará em seção fixa a partir do próximo número; “Objetos Inquietos”, que se propõe a reverter as chaves de leitura tradicionais, a partir de um olhar sobre objetos que, na sua mobilidade, incitam abordagens transversais na história da arte; e “Arte, Imagem, Política: Curadoria, Circuitos e Instituições”, com o qual fecharemos a última edição do ano.

O número atual traz para os leitores o dossiê “Montagem: a condição expositiva”, que teve como objetivo divulgar textos de artistas-pesquisadores que refletissem sobre as práticas expositivas e seu impacto na produção e na circulação de suas obras, enfocando a “cozinha” da arte, no que tange ao modo de preparo para vir a ser, para se fazer ver e chegar a público. Dez artistas brasileiros discutem seu trabalho, tendo a condição expositiva como questão catalizadora. O pensamento artístico é posto em realidade, nas experiências de projetos que enfrentaram suas viabilidades espaciais e institucionais e de interação com o público, por vezes sublinhando a atuação do artista como curador. Relatos sinceros, depoimentos pessoais e questionamentos de poéticas particulares, aqui presentes, colocam o artista no seu devir prático e teórico, ator ativo no mundo contemporâneo.

Beatriz Raucher trata do desafio de deslocar uma prática artística urbana, *Mini oásis*, para espaços expositivos convencionais, no caso as mostras coletivas *Entre tempos* (2009) e *PólisPhonica* (2013). Estratégias expográficas distintas foram por ela utilizadas, com a finalidade de discorrer sobre o processo de criação: no primeiro caso, ressaltando a conexão com o trabalho original e prolongando seus efeitos em outro ambiente de recepção; no segundo caso, fazendo o processo avançar em relação à ação original, recriando-a. Guto Nóbrega, por sua vez, questiona como as práticas expositivas convencionais apresentam-se inconsistentes para construir um ambiente de aproximação entre obras de arte/tecnologia/ciência e o público. Seu debate centra-se na edição de *Hiperorgânicos* de 2017. Inspirada pelo formato *C-Base* de laboratório aberto, a “mostra” teve a duração de três dias e reuniu experimentações artísticas abertas à participação do público bem como organizou um simpósio com a participação de artistas-pesquisadores, cientistas, inventores e o público em geral. Ao contrário das exposições convencionais, *Hiperorgânicos* abriu a possibilidade de o público conectar-se com os convidados e compartilhar, em rede, de forma colaborativa, experiências e problemas dedicados aos sistemas verdes, ambientes sensíveis e transensoriais.

Denise Camargo e Hugo Fortes debateram a exposição em sua relação com artistas, curadores e público. A partir de sua experiência na montagem da exposição *E o silêncio nagô calou em mim* (2013), Camargo refuta a tese de que curadores e artistas colocam-se em campos distintos no

processo de criação e concepção expositiva. A artista descreve o compromisso do curador Diógenes Moura com sua produção e seu envolvimento com o objeto artístico a ser exposto, ao empenhar-se em criar estratégias discursivas e expográficas que evidenciassem a poética de seu trabalho, atuando o curador como co-autor. Hugo Fortes amplia o debate ao combinar sua experiência como curador, pesquisador e artista na mostra coletiva *Sinapses* (2017). A exposição foi um desafio intelectual e sensível, na medida em que procurou apresentar os trabalhos dos artistas em sua gênese e desenvolvimento, evitando constituir relações hierárquicas entre obras acabadas, documentos de processo, ensaios e experiências criativas, arquivos poéticos ou acadêmicos. Ao optar por apresentar todo o conjunto horizontalmente, em mesas, o artista-curador, a partir dos debates com os artistas envolvidos e pelas limitações do espaço institucional, propôs uma abordagem expositiva que recombinasse os signos e possibilitasse uma condição não cronológica e evolutiva de apresentação das “obras”.

As implicações técnicas, conceituais e culturais na montagem de obras em diferentes instituições, a constituição de novas versões das mesmas obras e o diálogo com agentes em cidades e países distintos foram as preocupações centrais dos textos de Eriel Santos, Hélio Ferverza, Simone Michelin e Patricia Franca-Huchet. Para o dossiê, Santos trouxe sua experiência com a montagem da instalação *A busca dá imagem* (2001) no Museu de Arte Moderna da Bahia e, posteriormente, em instituições culturais da Alemanha. Em cada uma das exposições, o artista viu-se confrontado com adaptações que buscavam preservar as questões poéticas da obra e defrontado com as diferentes formas de recepção por públicos de culturas diversas, fazendo-nos perceber a potência da ideia artística que se recria a cada exibição. É o mesmo caminho traçado por Michelin, que discute questões técnicas e ideológicas que cercaram a exposição de seus projetos artísticos *MNA, Admirável Mundo Novo* (2001) e *ADA, anarquitectura do afeto* (2004). Como no caso de Nóbrega, ela elenca e debate as questões que envolvem os projetos de arte/tecnologia/ciência em sua relação com as instituições convencionais de arte, o quanto podem ser limitadoras mas também viabilizadoras dessas poéticas, e com a participação de diversos profissionais e especialistas para a consecução dos projetos, sublinhando a imprescindível atuação coletiva e colaborativa para a consecução da obra contemporânea. Além disso, Michelin traz à baila inquietações importantes sobre os limites entre os domínios público e privado, para além de uma audiência informada.

Ferverza retoma duas exposições-instalações, *Prosa de Jardim* e *Local Extremo*, realizadas em co-autoria com Maria Ivone dos Santos e apresentadas em três instituições museológicas diferentes em 2006 e 2016. O artista dedica-se há décadas às “formas” de apresentação e de circulação da arte, dando ênfase ao distintos tempos e potências poéticas que convivem numa mesma obra-exposição. Nesse tocante, Ferverza salienta que a montagem de uma obra, na perspectiva do artista, orienta-se por concepções poéticas que suplantam, em muitos casos, parâmetros puramente técnicos ou museográficos. Ou seja, a montagem funda-se no próprio fazer artístico, como uma forma de “articular heterogeneidades”. Franca-Huchet parte de reflexões semelhantes na defesa de que a montagem de uma exposição é condição inerente à obra, pois, a seu ver, “uma obra carrega uma complexidade de tempos constituída pelos estratos de seu destino”. Focando-se na exposição *Disposição* (2005) e citando outras mostras, Franca-Huchet amplia a reflexão sobre a questão expositiva para todo um jogo de inteligência espacial, estratégias discursivas e processos de visibilidade (com ênfase nos catálogos de exposição).

Em uma perspectiva mais intimista, Luise Weiss oferece-nos uma reflexão sobre processos, registros e arquivos fotográficos por ela confeccionados e/ou armazenados e que, em primeiro momento, foram descartados. Reorganizá-los pela primeira vez em uma montagem expositiva abrangente, que procurasse conferir conexões entre eles, foi o desafio da exposição *Labirinto e Memória: A Poética Visual* (2017). Na mesma perspectiva, Leila Danzinger reflete sobre seu trabalho

Perigosos, subversivos, sediciosos ('*Cadernos do povo brasileiro*'), parte da exposição *Hiatus: a violência ditatorial na América Latina* (2017), cuja constituição enlaça-se às perspectivas da instituição que acolheu a mostra, o projeto curatorial e as dinâmicas históricas que informam sobre a própria ação expositiva, relacionados com seu processo poético junto a arquivos históricos e que denuncia, rememora e reinterpreta fatos políticos contra a liberdade.

Acreditamos que o dossiê "Montagem: condição expositiva" cumpriu seu papel de inaugurar na revista MODOS um espaço para a reflexão de artistas-pesquisadores, falando em primeira pessoa (do singular ou do plural), frente aos desafios dos processos criativos, ideológicos, culturais, espaciais e técnicos na constituição de uma ação expositiva, em toda a sua variedade e realidade. A partir de outro ponto de vista, o da observação e fruição, a revista publica, na seção Exposições/Resenha, a investigação de Rachel Vallego sobre a exposição *Vanguarda Brasileira dos Anos 1960*, da Pinacoteca do Estado de São Paulo, com obras da coleção Roger Wright, cedida em comodato à instituição.

Outros importantes trabalhos completam este número, ampliando o foco de discussão. A dimensão expositiva da obra de arte continua em debate por Ana Rita Vidica, em artigo que tece reflexões sobre três intervenções urbanas onde a fotografia atua como elemento comum. Michele Sommer, por sua vez, analisa o *topos* da exposição contemporânea diante dos desafios ofertados pela produção artística atual e debate o próprio limite da condição expositiva operada em nossos dias. Já os textos de Annateresa Fabris, Juliana Mafra, Alexander Miyoshi e Margarida Alves em parceria com Bruno Marques constroem novas perspectivas críticas para debater questões relacionadas à arte moderna e contemporânea em seus múltiplos aspectos. Fabris, em minuciosa investigação, discorre sobre as diferentes interpretações do movimento futurista elaboradas pelo escritor Menotti del Picchia em sua carreira, considerando-as oportunistas e apontando como reverteram a favor de interpretações singulares. Mafra recupera parte da pesquisa empreendida em sua tese de doutorado, *O amargo humor da arte contemporânea*, para discutir o significativo – e subestimado – papel do riso e da ironia na produção feminista estadunidense nas artes visuais dos anos 1970/80. Miyoshi relaciona textos de Michel Foucault da década 1960 a trabalhos artísticos desenvolvidos no mesmo período, movido pelo desejo de apresentar a exemplaridade das análises do filósofo francês em relação às obras de arte. Em artigo conjunto, Margarida Alves e Bruno Marques voltam seu olhar para o mesmo período histórico, agora com a intenção de refletir sobre a recuperação de ações e hábitos cotidianos nas práticas artísticas daquele momento. Por fim, o texto de Jennifer Way mostra-nos como a história da arte pode ser escrita pela trajetória de um objeto artístico, renunciando questões que serão debatidas no dossiê "Objetos inquietos", a ser publicado no próximo número. Way toma como mote uma caixa vietnamita de laca como ponto de partida para considerar como a arte pode suscitar sentidos distintos no jogo das relações internacionais estadunidenses. Enfim, todos os textos aqui reunidos confluem para as inquietudes de uma história da arte dedicada a se repensar, se reinventar, se atualizar, refletindo criticamente sobre os modos de expor, significar e narrar, diante dos desafios trazidos pela contemporaneidade.

Equipe Editorial